



**MUNICÍPIO DE ALMADA**  
**Assembleia Municipal**

**EDITAL**

Nº 88/XIII-2º/2021-25

**(Votos de Pesar)**

14

José Joaquim Leitão, Presidente da Assembleia Municipal de Almada, torna público que na Reunião da Sessão Extraordinária, realizada no dia 25 de janeiro de 2023, a Assembleia Municipal aprovou os seguintes Votos de Pesar:

**Voto de Pesar**  
**(Pelo falecimento de Orlando Laranjeiro)**

Orlando Laranjeiro dos Santos, de seu nome completo, nasceu em Sesimbra a 7 de agosto de 1930, e faleceu em Almada, terra de sua mãe e toda a família materna, e sua terra adotiva de sempre, no passado dia 18 de janeiro aos 92 anos de idade.

Deixou-nos um Homem de grandes valores progressistas e humanistas. Os muitos amigos, trabalhadores, associativistas, e camaradas, homens e mulheres de Almada e de outros lugares com quem conviveu, trabalhou e lutou, que o acompanharam nos momentos de despedida, é um claro testemunho da nobreza do seu carácter e da grandeza da obra que ajudou a construir.

Orlando Laranjeiro foi uma figura exemplar, na família, na amizade, no companheirismo, na camaradagem, na vida profissional e cívica, na ação social e política.

A criança que Sesimbra viu nascer em 1930, veio para Almada ainda em tenra idade.

Muito jovem inicia a sua atividade de andebolista, nos juniores do Almada Atlético Clube, onde se manteve depois na equipa principal, durante 13 anos, grande parte deles como capitão de equipa. Enquanto andebolista jogou também no Benfica, onde se sagrou campeão regional e nacional de andebol 11 e campeão regional de andebol 7.

Representou por quatro vezes a seleção nacional de andebol. Foi treinador de Andebol no Almada Atlético Clube e no Naval Setubalense.

Aos 18 anos é cofundador da primeira biblioteca do Almada Atlético Clube, clube do qual foi também dirigente tendo sido Presidente da Assembleia Geral durante três mandatos.

Vive apaixonadamente a vida associativa na sua Incrível Almadense, tendo desempenhado funções de grande responsabilidade: foi Presidente da Direção em 1988 e 1989 e Presidente da Assembleia Geral em 1977, 1985, 1986 e 2005, entre outras responsabilidades diretivas que exerceu ao longo de muitos anos.

Na Incrível Almadense – entre muitas outras atividades –, foi ator amador, autor e colaborador da secção de teatro, e foi o coordenador da comissão organizadora responsável pelas grandes comemorações dos 150 anos da Incrível Almadense.

A sua paixão associativista levou-a também para a Alemanha, quando aí esteve emigrado entre 1966 e 1974. Foi Presidente da Assembleia Geral da Associação Portuguesa em Hamburgo, tendo aí dinamizado múltiplas atividades culturais e recreativas.

Homem de ação nunca virou a cara a desafios. Desempenhou funções de vice-presidente da assembleia geral da Federação Portuguesa das Coletividades de Cultura e Recreio e foi fundador e primeiro presidente da direção da Associação dos Amigos da Cidade de Almada.

Foi autor e encenador do espetáculo “Almada antes e depois de Abril”, espetáculo de grande sucesso, onde com a sua capacidade de gerar unidade na ação, Orlando Laranjeiro juntou na sua organização e patrocínio a Incrível Almadense, a Academia Almadense e a SFUAP.



**MUNICÍPIO DE ALMADA**  
**Assembleia Municipal**

**EDITAL**

Nº 88/XIII-2º/2021-25

**(Votos de Pesar)**

JK

Foi funcionário sindical da CGTP-IN, no Departamento Internacional, tendo sido também, em representação da Intersindical, membro do Conselho Geral do Inatel.

Foi autor de vários livros, de memórias, de prosa, poesia e canções, tendo o último – “Almada nas Asas do Sonho” – sido publicado há apenas 2 anos.

Em 1994 é-lhe atribuída a distinção de sócio de Mérito da Incrível Almadense e em 1998 a de sócio honorário.

Em 1995 é-lhe atribuída a Medalha de Ouro de Mérito e Dedicção pela Câmara Municipal de Almada.

Militante Comunista, membro do Partido Comunista Português que se orgulhava de ser, interveio sempre com total entrega e dedicação à causa dos trabalhadores e do povo, à causa da democracia, à liberdade, ao bem-estar dos almadenses e ao progresso da nossa terra.

Caracterizavam-no a atitude dialogante; a valorização do coletivo; o culto da tolerância e da amizade; a manifestação de amor em particular para com a companheira Gina, a sua filha, netas, bisnetos e demais familiares, mas também com todos aqueles que procuravam o seu auxílio.

Comunista e Lutador  
Homem Livre e Solidário

Orlando Laranjeiro não nos deixa, deixa-nos sim uma obra e um exemplo de vida cujo valor nos cabe preservar e continuar, certos de que essa seria a sua vontade.

A Assembleia Municipal de Almada delibera endereçar à sua filha Júlia, às suas netas Fábria e Yolanda, aos seus bisnetos, e a toda a restante família, amigos e companheiros de jornada, aos associativistas movimento associativo popular, em especial à sua Sociedade Filarmónica Incrível Almadense e ao seu Almada Atlético Clube, aos Almadenses, e ao Partido Comunista Português, o mais sentido pesar e o mais fraterno abraço solidário pelo falecimento de Orlando Laranjeiro, expressando a convicção profunda de que, com o Orlando Laranjeiro sempre ao nosso lado, seremos capazes de realizar nos dias futuros os melhores sonhos de todos nós. Porque como ele tantas vezes dizia, “Quem acredita no futuro tem de forçosamente de acreditar na vida!”.

**Voto de Pesar**  
**Pelo falecimento de Eduarda Alice Santos**

Eduarda Alice Santos, nasceu a 24 de outubro de 1958, em Almada. Descrevia-se como tímida, inicialmente. Humanitária. Mãe. Trabalhou como despachante na alfândega e como segurança. Coursou-se em informática e Multimédia. Uma mulher incontornável na luta pelos direitos das pessoas trans.

O seu ativismo inicia-se após o assassinato de Gwen Araújo, em 2002, nos Estados Unidos da América, empurrando-a para aquele que viria a ser o trabalho da sua vida: a recolha, compilação e produção de informação sobre a comunidade LGBTI+. Começando num blog autoral, Eduarda dedicou-se ao registo e ao arquivo da memória trans, algo que a moveria até ao último dia da sua vida.

Foi o bárbaro assassinato de Gisberta Salce Júnior, em 2006 no Porto, que empurraria Eduarda para o ativismo público, afirmando-se como uma das primeiras mulheres trans a liderar o movimento pelos direitos das pessoas trans em Portugal. Eduarda participou na primeira *Marcha do Orgulho LGBT do Porto* - criada após o assassinato de Gisberta - e seria uma das mais prementes ativistas na condenação da violência exercida contra Gisberta, desenvolvendo um projeto de anos de homenagem e recordação do símbolo maior da comunidade trans em Portugal.



**MUNICÍPIO DE ALMADA**  
**Assembleia Municipal**

JK

**EDITAL**

Nº 88/XIII-2º/2021-25

**(Votos de Pesar)**

Envolveu-se na primeira associação trans portuguesa, – *Associação para o Estudo e Defesa do Direito à Identidade de Género*, fundada em 2002 pelas precursoras Jó Bernardo e Andreia Ramos.

Foi na associação que conheceu a sua companheira de vida, Lara Crespo. Eduarda dizia que foi graças à Lara que iniciou a sua transição. Foram um manifesto de amor, de luta e de solidariedade durante 15 anos, até ao falecimento de Lara, em 2019.

Eduarda e Lara foram vozes destimidas na crítica ao corpo médico e às suas práticas que limitavam o acesso de pessoas trans ao processo de transição e a cuidados de saúde. Eduarda e Lara ficaram 8 e 10 anos, respetivamente, entravadas no processo de transição, dois dos casos de transição com esperas mais longas e cruéis em Portugal. Apesar das retaliações pelo corpo médico e da antagonização pública, Eduarda e Lara foram implacáveis nas suas reivindicações e contribuíram para que hoje as leis de identidade de género condenam situações como esta, estabelecendo um limite de dois anos para a conclusão de qualquer processo de transição. Na reportagem *PORTUGAL: 20 anos depois*, em 2016, Eduarda diria: “não estou à venda, nem pelo processo. O que acho que está mal, crítico, venha de onde vier”.

Após a extinção da *associação* em 2007, Eduarda integrou as *Panteras Rosa*. É neste coletivo que Eduarda desenvolve a sua expressão trans autónoma e projeta o seu ativismo transfeminista, dinamizando o podcast *Garras de Fora*. Eduarda fez parte de um crescente diálogo entre ativistas trans internacionais, integrando a campanha coletiva *Stop Trans Pathologization-2012*, pela despatologização das identidades trans na medicina.

Em 2011, Eduarda e Lara deixam as *Panteras Rosa* e fundam o *GTP – Grupo Transexual Portugal*. O trabalho do *GTP* contribuiu para a união dos movimentos trans portugueses, fomentando uma perspetiva unitária do movimento trans autónomo desde a sua génese, recusando posições sectárias, ou de apagamento ou desprezo pelos demais coletivos e ativistas trans. O *GTP* assentou-se também numa posição de interseccionalidade com demais causas sociais, como o antirracismo e o ambientalismo, promovendo a diversidade e a capacidade de alianças.

O *GTP* foi uma das entidades organizadoras da *Marcha do Orgulho de Lisboa* durante anos, tendo-se reconhecido o papel vital de Eduarda na continuidade da Marcha, mesmo em períodos de dificuldade financeira e organizativa.

Eduarda fez parte de inúmeros momentos seminais da história LGBTI+ portuguesa. Entre eles, a *Oração das Trans-Tornadas* junto à estátua do Dr. Sousa Martins, a tertúlia *Policiamento do Género e a Luta Transexual*, a “primeira iniciativa pública onde as pessoas transexuais e ativistas possam falar livremente sobre o tema da despatologização sem a presença sempre policial de médicos e/ou psicólogos”. Teve um papel ativo no desenvolvimento da tese pioneira *Trans géneros: uma abordagem sociológica da diversidade de género* pela socióloga Sandra Saleiro, assim como em projetos artísticos com a companhia KARNART, o *Arquivo Queer*, o projeto fotográfico *Aquarela*, e no filme *Gisberta – Liberdade*, juntamente com Lara.

O seu apreço pela conservação da memória e da história da comunidade resultou num trabalho contínuo de criar arquivos, através da escrita de publicações feministas, publicações em blogs dedicados às questões trans, grupos e páginas de partilha nas redes sociais, colaborações com o portal *PortugalGay.PT*, recorte de jornais.

O esforço de compilação de experiências, pensamentos e dados realizado pela Eduarda e pelo *GTP* foi fundamental na informação do processo legislativo de aprovação da primeira Lei Trans, em 2011, que permitiu a mudança dos documentos de identificação independentemente do processo médico. A lei era limitada, exigindo-se ainda um documento médico para viabilizar a alteração de documentos, e ficou por cumprir o direito ao reconhecimento de autonomia e de autodeterminação e a despatologização da identidade trans. Mas esta ação legislativa foi um passo inicial valioso, num processo em que a legislação antecedeu a sociedade, servindo a emancipação dos direitos das pessoas trans em Portugal.



12

## EDITAL

Nº 88/XIII-2º/2021-25

### (Votos de Pesar)

Eduarda e Lara tiveram também uma participação crucial no processo da Lei Trans aprovada em 2018, onde finalmente se estabelece o direito à autodeterminação da identidade de gênero e expressão de gênero e o direito à proteção das características sexuais de cada pessoa. Foi no âmbito das audições parlamentares organizadas pelo Bloco de Esquerda, que, pela primeira vez, o parlamento português ouviu pessoas trans para aprofundar o conhecimento sobre a realidade trans, as várias vivências e necessidades a serem incluídas nas propostas de lei.

Mesmo após a morte de Lara em 2019, Eduarda continuou a publicar em nome do *GTP*, fazendo das suas plataformas digitais e comunitárias um belo registo histórico comum, sedimentando o legado das ativistas trans da sua geração. A sua dedicação pela preservação da memória é um dos maiores contributos para que, hoje, jovens LGBTI+ tenham acesso à história da sua comunidade e de ativistas antecessores que lutaram apaixonadamente pelos seus direitos.

Mais recentemente, Eduarda recordava um dos objetivos primeiros do ativismo trans português, a inclusão da identidade de gênero como fator de não-discriminação no artigo 13º da Constituição da República Portuguesa, afirmando-o como uma das principais reivindicações da sua vida. Reconheceu também a importância da educação sexual inclusiva nas escolas, abrangendo as diversidades da orientação sexual e da identidade de gênero, promovendo a representatividade, a empatia, e combatendo o bullying e a exclusão social.

Apesar do seu papel ativo na luta pelos direitos trans, há ainda muito por fazer. Lutas que, com a presença de Eduarda na memória, a comunidade irá conquistar: o combate ao lobby médico e à patologização da identidade trans, a dificuldade de acesso a cuidados de saúde adequados, ao emprego, e à habitação, o reconhecimento legal da identidade não binária, a segurança e liberdade plena das pessoas trans.

Num dos seus últimos contributos, Eduarda escreve o texto *Momentos do arranque trans para a publicação DeMemória: História das lutas feministas e LGBTQIA+ em Portugal*. Eduarda integrou diversas iniciativas do Bloco de Esquerda, construindo-se uma valiosa relação que ultrapassou os debates e as auscultações, numa verdadeira irmandade de lutas e da vida pessoal. Na cremação do seu corpo, camaradas deixaram-lhe um cravo em homenagem ao seu contributo político, militante e pela liberdade.

Eduarda era uma enciclopédia viva num período em que o acesso a informação sobre temáticas LGBTI+ reais, profundas e positivas era quase inexistente. Eduarda disseminou uma comunidade de ligações, físicas e online. Eduarda foi uma verdadeira vanguardista num país que demorava em assimilar o reconhecimento e respeito pela existência de pessoas trans.

A sua morte não é apenas uma entre outras, e não pode ser desligada da sociedade estruturalmente transfóbica em que vivemos, da violência quotidiana que não deixou de existir, da condenação à miséria de tantas pessoas trans, da dificuldade que temos em conseguir redes de suporte capazes, da negligência pública. A morte de Eduarda soma-se ao revoltante número de pessoas trans que todos os anos são assassinadas ou decidem pôr termo à sua vida.

Eduarda marcou todos, todas e todos pela sua solidariedade, riso e honestidade. Uma ativista que nunca se cansou da constante busca pela evolução e pelo conhecimento. Reconhecida pelas pessoas próximas como teimosa, que provavelmente se queixaria das homenagens a ela prestadas após a sua morte. Eduarda foi mais do que uma ativista pioneira. Foi partilha. Na pobreza e na precariedade. Nas refeições. Nas conversas de empoderamento. Na permanente mutualidade dos sentimentos e dos atos. Eduarda foi mentora e ombro amigo para inúmeras pessoas trans ao longo de anos, nutrindo a lindíssima comunidade de partilha, de irmandade e de comoção.



**MUNICÍPIO DE ALMADA**  
**Assembleia Municipal**

**EDITAL**

Nº 88/XIII-2º/2021-25

**(Votos de Pesar)**

74

Eduarda Alice Santos está presente no legado, no presente e no futuro. A 20 de janeiro de 2023, uma ativista, uma camarada, uma amiga, uma almadense, uma referência histórica, uma peça inestimável da comunidade deixou-nos.

A Assembleia Municipal de Almada, reunida a 25 de janeiro de 2023, delibera exprimir o seu profundo pesar pela morte de Eduarda Alice Santos, com as mais sentidas condolências à sua família, amigos e comunidade, fazendo um minuto de silêncio em homenagem, em luta e em memória da ativista e da mulher pioneira.

Por ser verdade se publica o presente edital que vai por mim assinado e irá ser afixado nos lugares de estilo deste Concelho.

Almada, em 26 de janeiro de 2023

O Presidente da Assembleia Municipal

(José Joaquim Leitão)